



ESCOLA DE
HUMANIDADES

LETRÔNICA

Revista Digital do Programa de Pós-Graduação em Letras da PUCRS

Letrônica, Porto Alegre, v. 16, n. 1, p. 1-16, jan.-dez. 2023

e-ISSN: 1984-4301

<http://dx.doi.org/10.15448/1984-4301.2023.1.44175>

DOSSIÊ: PSICOLINGÜÍSTICA E NEUROLINGÜÍSTICA EM INTERFACES

A aquisição da concordância de gênero entre N e ADJ por crianças brasileiras

Gender agreement acquisition between N and ADJ by Brazilian children

Olivia Fernandes Bogo¹

orcid.org/0000-0002-5949-9518

oliviabogo@letras.ufrj.br

Recebido em: 27/12/2022.

Aceito em: 14/07/2023.

Publicado em: 22/11/2023.

RESUMO: Este estudo investiga a identificação e o processamento da concordância de gênero no português brasileiro (PB) entre os elementos das categorias N e ADJ e se há diferenças no uso dessas pistas morfofonológicas (se a vogal final do N ou a do ADJ) por crianças entre 3 e 5 anos de idade, adquirindo o PB. Estudos anteriores exploraram quais elementos do sintagma determinante servem como pistas morfofonológicas para crianças entre 18 e 42 meses de idade na identificação e na aquisição dos elementos que manifestem concordância, em línguas como o francês, o francês canadense, o PB, o espanhol e o tcheco. Outros investigaram as estratégias de atribuição de gênero a nomes desconhecidos por crianças entre 30 e 33 meses, no PB e no espanhol. Os resultados apontam que as crianças privilegiam a informação da vogal final para atribuir gênero aos pseudonomes, sem diferença significativa entre a condição masculina ou feminina; reconhecem o alto pareamento entre a vogal final de nomes e o gênero gramatical; e usam essa informação para atribuir gênero a novos nomes.

PALAVRAS-CHAVE: Aquisição da linguagem. Gênero gramatical. Concordância de gênero. NP. Psicolinguística.

ABSTRACT: This article investigates the identification and processing of gender agreement in Brazilian Portuguese (BP), considering the elements of categories N and ADJ, and if there are differences in the use of these different morphophonological cues (the final vowel of the N or in the final vowel of the ADJ) by children between 3 and 5 years old. Studies have investigated which elements in DP may be used as morphophonological cues by children between 18 and 42 months, for identification and acquisition of elements that manifest gender agreement, in languages such as French, Canadian French, BP, Spanish and Czech. Other have explored how children, between 30 and 33 months, attribute gender to pseudonouns, in BP and in Spanish. The results show that children from 3 to 5 years old preferred the final vowel information to assign gender to the pseudonouns, with no significant difference between masculine or feminine conditions; they recognize the high pairing between the final vowel of nouns and grammatical gender and use this information to assign gender to new nouns.

KEYWORDS: Language acquisition. Grammatical gender. Gender agreement. NP. Psycholinguistics.

RESUMEN: Este trabajo investiga la identificación y el procesamiento de la concordancia de género en el portugués brasileño (PB), entre N y ADJ, y pretendemos establecer si existen diferencias en el uso de las diferentes pistas morfofonológicas (sea la vocal final de N o de ADJ) por niños de 3 y 5 años de edad. Trabajos investigaron qué elementos sirven como pistas morfofonológicas para los niños de entre 18 y 42 meses de edad durante la adquisición de elementos con esta relación de concordancia, en francés, francés canadiense, PB, español y checo. Fueron investigadas las estrategias de asignación de género a nombres desconocidos por parte de niños de entre 30 y 33 meses, en PB y en español. Los resultados indican que los niños de 3 a 5 años privilegian la información de la vocal final para asignar género a los nombres desconocidos, sin diferencias significativas entre las condiciones masculina y femenina; parecen reconocer la relación entre la vocal final de los nombres y el género gramatical y utilizan esta



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

¹ Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

información para asignar género a los nuevos nombres.

PALABRAS-CLAVE: Adquisición de la lengua. Adquisición de género. Concordancia de género; NP. Psicolinguística.

Introdução

Pesquisas psicolinguísticas investigam quais fatores contribuem para que a aquisição de uma língua ocorra sem nenhum tipo de esforço aparente por crianças sem nenhum comprometimento neurológico. Dentre esses fatores, podem ser mencionadas as regularidades estatísticas (SAFRAN; ASLIN; NEWPORT, 1996), as pistas perceptuais (SHADY, 1996), as pistas sociais (AUGUSTI *et al.*, 2010 *apud* ARIAS-TREJO; ALVA, 2013) e outras informações linguísticas que estejam disponíveis nos dados de fala, a fim de que os bebês possam extrai-las do contínuo sonoro, abstraí-las e delimitá-las em categorias gramaticais.

A respeito da aquisição de categorias gramaticais, o português brasileiro (doravante PB) é uma língua que apresenta marcação sistemática de gênero na concordância entre elementos do sintagma determinante. Além disso, o PB apresenta uma correlação muito robusta no que tange à vogal temática de nomes e ao gênero gramatical (SCHWINDT, 2018). Isso significa que a maioria dos nomes terminados em "-o" são masculinos (p. ex.: "livro", "barco", "médico"), enquanto a maioria dos terminados em "-a" pertencem ao gênero feminino (p. ex.: "professora", "gata", "bala"). Assim, no percurso de aquisição do PB, as crianças devem depreender as informações morfofonológicas a respeito do gênero gramatical dos itens lexicais disponíveis nos dados de fala aos quais estão expostas.

A presente pesquisa se dedica a investigar a identificação e o processamento da concordância de gênero gramatical entre elementos das categorias sintáticas nome e adjetivo (doravante N e ADJ) por crianças entre três e cinco anos de idade, falantes nativas do PB. O objetivo geral deste estudo é verificar a identificação e o processamento da concordância do gênero gramatical, no âmbito do NP, no PB. Mais especificamente, busca-se: **(1)** investigar experimentalmente a

atribuição de gênero a novos nomes a partir de pistas morfofonológicas e morfossintáticas, como a vogal final em pseudonomes e a marca de gênero manifesta no adjetivo, por crianças de três a cinco anos de idade; **(2)** investigar quais das informações – a vogal final do pseudonome ou a marca de gênero presente na vogal final do adjetivo – seria privilegiada pela criança na atribuição de gênero a pseudonomes; **(3)** averiguar se há diferenças no uso dessas informações – a vogal final do pseudonome ou a marca de gênero na vogal final do adjetivo – pelas crianças, a depender da faixa etária.

Visto que crianças, antes do segundo ano de vida, já são sensíveis às informações morfofonológicas referentes ao gênero gramatical no DP, tanto no PB (CORRÊA; NAME, 2003) quanto em diferentes línguas (CORRÊA; NAME, 2003; LEW-WILLIAMS; FERNALD, 2007; VAN HEUGTEN; SHI, 2009; VAN HEUGTEN; CHRISTOPHE, 2015), as hipóteses delineadas nesta pesquisa consideram que as crianças brasileiras também são capazes de identificar essa pista morfofonológica do gênero gramatical, mesmo na ausência de itens da categoria D, e atribuí-la a nomes desconhecidos. Outrossim, as crianças podem, a depender da faixa etária, basear-se em informações distintas (seja na marcação de gênero presente no item D ou no ADJ) na atribuição de gênero a nomes desconhecidos.

A próxima seção trata, em síntese, de alguns estudos a respeito da aquisição e da atribuição do gênero gramatical em línguas que realizam essa marcação morfofonológica no DP. Na seção seguinte, apresenta-se o experimento desenvolvido para investigar a identificação e o processamento do gênero gramatical no NP, por crianças entre três e cinco anos, que estão adquirindo o PB. Por fim, serão apresentados os resultados desse experimento, bem como será discutida a contribuição do presente estudo para as pesquisas que investigam a aquisição do gênero gramatical no PB.

1 Aquisição do gênero gramatical

Experimentos psicolinguísticos apontam que

crianças entre 18 e 42 meses de idade já são capazes de mapear e identificar o valor do gênero gramatical em elementos que o expressam morfofonologicamente, a partir da informação de gênero manifesta no determinante e/ou no adjetivo (CORRÊA; NAME, 2003; LEW-WILLIAMS; FERNALD, 2007; VAN HEUGTEN; SHI, 2009; VAN HEUGTEN; CHRISTOPHE, 2015).

No francês europeu, por exemplo, Van Heugten e Christophe (2015) indicam a sensibilidade de crianças, aos 18 meses de vida, à informação morfosintática de gênero manifesta na relação de concordância entre determinante e nome. Para tanto, foram elaboradas duas condições experimentais: **(1) condição gramatical**, em que havia pareamento na informação de gênero entre os itens do DP – p. ex., le[m] doudou[m] (o cobertor) ou la[f] pousette[f] (o carrinho); e **(2) condição agramatical**, em que havia um *mismatch* de gênero entre o artigo e o nome – la[f] doudou[m] (a cobertor*) ou le[m] pousette[f]* (o carrinho). A partir da técnica da Fixação Visual, as crianças escutavam essas listas na fase teste, e o tempo de escuta desses estímulos era monitorado.

Os resultados de Van Heugten e Christophe (2015) apontam para uma diferença significativa ($p = 0.011$) no tempo de escuta entre as condições, sendo que as 24 crianças participantes escutaram por mais tempo as condições gramaticais que as agramaticais (21.76 s vs. 17.59 s, respectivamente), corroborando a hipótese das autoras. Esses resultados indicam que crianças, já aos 18 meses, são sensíveis às alterações morfofonológicas de gênero manifestas nos artigos, rejeitando a condição incongruente, em que a relação de concordância era violada.

Ainda a respeito da sensibilidade de crianças à informação de gênero, Van Heugten e Shi (2009) indicam que infantes, aos 25 meses de idade, em aquisição do francês canadense, utilizam a informação da marcação de gênero em itens da categoria D para identificar um nome conhecido. Em uma tarefa de Fixação Preferencial do Olhar, 24 crianças foram expostas a duas imagens na tela de um monitor e ouviam uma sentença composta por um artigo e um nome. Para essa

tarefa, foram criadas três condições experimentais, a saber: **(1) condição gramatical de gênero diferente (informativa)**, na qual os estímulos sonoros apresentados à criança eram sentenças como "Regarde, le[m] ballon[m]" (Olhe, o balão) ou "Regarde, la[f] banane[f]" (Olhe, a banana), e as imagens dispostas simultaneamente às crianças remetiam a nomes de gêneros distintos; **(2) condição gramatical não informativa**, em que os estímulos sonoros eram sentenças como "Regarde, le[m] ballon[m]" (Olhe, o balão) ou "Regarde, le[m] bateau[m]" (Olhe, o barco), e as imagens dispostas representavam nomes com o mesmo gênero gramatical, de modo que o determinante marcado em gênero não era suficiente para a escolha de uma imagem em detrimento da outra; e **(3) condição agramatical**, na qual a concordância morfosintática de gênero era violada, e os estímulos sonoros eram sentenças como "Regarde, le[m] banane[f]" (Olhe, o banana*) ou "Regarde, la[f] ballon[m]" (Olhe, a balão*), e as imagens eram apresentadas, simultaneamente, às crianças.

Na primeira análise de dados (denominada *small window 1*), as autoras avaliaram se a criança antecipava o nome/a imagem apenas com base na informação de gênero manifesta no determinante, uma vez que a criança, naquele momento, processava só a informação do D. Em média, a proporção de fixação do olhar para o alvo foi de 0,44 s antes e 0,59 s após o início do alvo, sendo essa diferença estatisticamente significativa – $t(23) = -5.561$; $p < .001$. Como esperado por Van Heugten e Shi (2009), as análises comparadas de uma ANOVA bidirecional apontaram uma diferença significativa entre a condição informativa e a agramatical – $t(23) = 2,716$; $p = 0.012$ – e entre a condição não informativa e a gramatical – $t(23) = -2,287$; $p = 0.032$. Também foi conduzida uma análise de variância unidirecional ANOVA com três diferentes níveis (informativo, não informativo e agramatical), que revelou diferença significativa entre eles – $F(2,22) = 3,717$; $p = 0.041$. A condição não informativa e a agramatical diferiram significativamente da condição informativa – $t(23) = 2.615$; $p = .015$; $t(23) = 2.156$; $p = .042$, respectivamente – ,

com maior valor para a condição informativa em relação às outras duas condições.

Na segunda janela de dados analisados (chamada de *small window 2*), as crianças já tinham ouvido o item D e o N. Por essa razão, elas estavam processando a informação de gênero manifesta tanto no D quanto no N e processando a concordância entre eles. A proporção média de LT para o alvo foi de 0,64 s para a condição informativa; 0,64 s para a condição não informativa; e 0,49 s para a agramatical. Novamente, uma *one-way ANOVA* apontou uma diferença significativa entre essas condições: $F(2,22) = 5,211$; $p = .014$. A proporção de LT para as imagens-alvo foi maior na condição gramatical informativa e não informativa, em comparação com a agramatical – $t(23) = 2,631$; $p = .015$; $t(23) = -2,765$; $p = .011$, respectivamente). É interessante destacar que, nesse momento do teste, a criança já tinha ouvido o item D e o N e continuava “confusa” com o *mismatch* entre eles na condição agramatical. Nesse viés, esses resultados sugerem que crianças, aos 25 meses de vida, reconhecem essa dependência morfofonológica de gênero gramatical manifesta entre o D e o N, sobretudo na condição em que essa dependência é violada.

Utilizando a técnica do *Looking While Listening*, Lew-Williams e Fernald (2007) apontam que crianças entre 34 e 42 meses de idade e adultos falantes de espanhol usam a informação da marcação de gênero em artigos para identificar um nome conhecido. Foram elaborados 32 *trials* com sentenças compostas por um artigo definido (*la* e *el*, feminino e masculino, respectivamente) e oito nomes, conhecidos pelas crianças, e mais oito sentenças distratoras. Metade dos nomes-alvo pertencia ao gênero masculino (*zapato*; *carro*; *pájaro*; *caballo*), enquanto a outra metade pertencia ao gênero feminino (*pelota*; *galleta*; *vaca*; *rana*).

Durante a tarefa, os 26 participantes de cada grupo (crianças e adultos – grupo controle) eram expostos, simultaneamente, a pares de imagens que poderiam ser apresentadas em duas condições experimentais: **(1) condição gramatical de gênero igual**, na qual os estímulos sonoros apresentados à criança eram sentenças como

“*Encuentra la[l] pelota[l]*. ¿La[l] ves?” (Encontre a bola. Você a vê?) ou “*Encuentra la[l] galleta[l]*. ¿Te gusta?” (Encontre a bolacha. Você gosta?), e as imagens dispostas simultaneamente às crianças remetiam a nomes com o mesmo gênero; **(2) condição gramatical de gênero diferente**, em que os estímulos sonoros eram sentenças como “*Encuentra la[l] pelota[l]*” (Encontre a bola) ou “*Encuentra el[m] zapato[m]*” (Encontre o sapato), e as imagens que estavam dispostas em pares remetiam a nomes pertencentes a gêneros gramaticais distintos.

Uma análise de variância mista, *design 2* (idade: crianças vs. adultos) × 2 (gênero: igual vs. diferente), indicou efeito principal de idade e de gênero. As crianças demoraram um pouco mais para direcionar o olhar para o alvo (média = 887 ms), em comparação aos adultos (média = 653 ms) – $F(1,48) = 51,8$, *prep.* = 0.999, $np2 = .50$ –, mas as respostas foram mais rápidas na condição em que o gênero era diferente (média de 724 ms) do que na condição do mesmo gênero em ambos os grupos (média de 806 ms) – $F(1,48) = 21,3$, *prep.* = .998, $np2 = .31$. Em suma, os resultados de Lew-Williams e Fernald (2007) indicam que crianças entre 34 e 42 meses de idade que estão adquirindo o espanhol identificam o nome conhecido a partir da relação de concordância com o artigo.

No âmbito do PB, Corrêa e Name (2003) exploraram se a incongruência de gênero, provocada por alterações morfofonológicas em itens da categoria D, afetaria a identificação de nomes-imagens conhecidos durante o processamento de sentenças por crianças entre 21 e 28 meses de idade. Para tanto, foi realizada uma tarefa de seleção de imagens com voz sintetizada. Na fase de pré-teste, as 32 crianças participantes tinham que mostrar para o Dedé (um fantoche) a imagem-alvo referente ao que elas tinham ouvido. Havia quatro condições experimentais para esse experimento, a saber:

- (1) Determinante congruente com o gênero de N (CONG): Ex.: Mostre o/esse/aquele carro pro Dedé ou Mostre a/essa/aquela bola;

- (2) Determinante incongruente com o gênero de N (INC): Ex.: Mostre a/essa/aquela carro pro Dedé ou Mostre o/esse/aquele bola;
- (3) Item funcional de categoria diferente de DET – no caso, um complementizador (COMP): Ex.: Mostre se/que carro pro Dedé ou Mostre se/que bola;
- (4) Pseudoitem funcional (PS): Ex.: Mostre gur/biu carro pro Dedé ou Mostre gur/biu bola.

A variável dependente era a taxa de respostas corretas em cada condição, que foi calculada proporcionalmente ao total de respostas válidas² produzidas em cada condição.

As análises de variância pareadas das condições CONG e INCONG de Corrêa e Name (2003), assim como entre as condições INCONG e PS, foram estatisticamente significativas: ($t = 3,28$; $p < 0.01$) e ($t = 2,22$; $p = 0.04$), respectivamente. Esses resultados são favoráveis à hipótese das autoras de que as crianças, aos dois anos de idade, percebem alterações fonológicas e sintáticas em determinantes e detectam alterações morfofonológicas referentes a gênero.

A respeito da atribuição do valor de gênero a novos nomes no PB, outro experimento elaborado por Corrêa e Name (2003) explorou qual informação de gênero – se a manifesta no D, decorrente da concordância D-N, ou a informação da vogal final de N – seria usada pela criança para atribuir gênero a pseudonomes. Para tanto, as 30 crianças participantes³ eram convidadas a participar de um jogo cujo objetivo consistia em contar o que havia acontecido com o objeto apresentado na imagem. Assim, as crianças eram expostas a uma sequência de três imagens na tela do computador, e cada figura continha um objeto inventado, nomeado com um pseudonome. Corrêa e Name (2003) eliciaram a produção de expressões referenciais que exigiam concordância de gênero com pseudonomes por crianças entre 31 e 54

meses de idade.

Foram, então, elaboradas três condições experimentais, em função da variável independente *correlação fonologia-gênero*, isto é, a correlação entre o padrão da terminação fonológica do pseudonome e a informação morfofonológica sobre o gênero fornecida pelo determinante. Também foram considerados *idade* e *gênero* como fatores grupais. Desse modo, as condições experimentais⁴ foram: **(1) correlação positiva**, em que a vogal final do pseudonome era a mesma que a do determinante: “-o” para masculino (o dabo) e “-a” para pseudonome feminino (a bida); **(2) correlação negativa**, em que a vogal final do pseudonome era diferente da do determinante: “-a” para masculino (o bida) e “-o” para os nomes femininos (a dabo); **(3) neutra**, na qual foram usados pseudonomes terminados com “-e”, que, por sua vez, não podem ser correlacionados com gênero (o/a mipe). A variável dependente foi o número de respostas corretas (i.e., respostas nas quais o gênero do pseudonome introduzido recentemente fosse mantido, como em “Alfí vermelha[fi]”).

A previsão de Corrêa e Name (2003) era de que, caso a correlação fonologia-gênero afetasse a identificação do nome, as crianças teriam um desempenho melhor na condição correlação positiva (ex.: o dabo) e um desempenho pior na condição correlação negativa (ex.: a dabo). Ademais, se a idade interviesse no desempenho das crianças, esperavam-se mais respostas corretas à correlação negativa (ex.: a dabo) para o grupo de crianças mais novas, i.e., essas crianças produziram mais respostas em que não havia combinação de gênero entre o determinante e a vogal final do pseudonome.

Corrêa e Name (2003) apontaram que a taxa de acerto das crianças de até 3 anos foi de 2.93/3.0 na correlação positiva; já as crianças mais velhas de 4 e de 5 anos tiveram uma taxa de acerto de 3.0/3.0. A média total de acertos na correlação

² Uma resposta válida, por sua vez, correspondia ao apontamento de qualquer uma das quatro imagens – a imagem-alvo e três distrações – apresentadas em cada uma das 22 páginas do livro.

³ As crianças foram divididas em dois grupos, em função da faixa etária: um grupo de 15 participantes com idades entre 2;2;17 e 2;10;3 anos (idade média: 31,16 meses) e outro grupo com 15 participantes com idade entre 3;0 e 5;4;25 (idade média: 54,2 meses).

⁴ Para verificar as descrições de cada condições experimentais na íntegra, consultar Corrêa e Name (2003, p. 18).

positiva, considerando todas as crianças, foi de 2.97/3.0. Na correlação negativa, as crianças de até 3 anos obtiveram uma taxa de acerto de 2.67/3.0, enquanto as maiores de 3 anos tiveram uma taxa de acerto de 1.87/3.0. A taxa total de acertos na correlação negativa, considerando ambos os grupos, foi de 2.27/3.0. Verifica-se, comparando-se as taxas de acerto, uma taxa de acerto maior na correlação positiva independentemente do grupo etário.

Esses dados foram submetidos à análise da variância (ANOVA), com *design* fatorial 2 (idade) x 2 (gênero) x 3 (correlação fonologia-gênero), no qual idade e gênero foram fatores grupais (*between subjects*), e a correlação fonologia-gênero foi tomada como uma medida repetida (*within subject*). Foi encontrado um efeito principal da *correlação fonologia-gênero* – $F(2,52) = 11.24$; $p < 0.001$ –, assim como uma interação significativa entre correlação fonologia-gênero e idade – $F(2,52) = 4.85$; $p = 0.01$. Isso significa que as crianças menores se guiaram mais pela informação no D, de modo que o padrão de regularidade fonológica entre D e N teve papel menor para esse grupo, comparado ao grupo de crianças de 4 e de 5 anos de idade. Além disso, as respostas do grupo de crianças mais novas foram, posteriormente, submetidas a uma ANOVA com *design* fatorial 2 (*gênero*) x 3 (*correlação fonologia-gênero*), e nenhum resultado significativo foi obtido – $F(1,13) = 1.15$; $p = 0.33$. Essas análises sustentam a hipótese defendida por Corrêa e Name (2003) sobre a capacidade de crianças de extrair informação gramaticalmente relevante para o processamento da concordância e sobre como a correlação entre a forma fonológica do nome e o gênero influencia a atribuição do gênero do novo nome, sobretudo no caso das crianças mais velhas. Outrossim, os resultados também apontaram uma diferença na atribuição do gênero em função da idade, visto que crianças de 4 e 5 anos (diferentemente das de 3 anos) pri-

vilegiaram a vogal final como fonte para atribuição de gênero a pseudônimos, independentemente da informação manifesta no item D.

Embora a aquisição de gênero gramatical já tenha sido bastante explorada na literatura psicolinguística e muitos experimentos sobre a identificação do gênero tenham sido elaborados com vistas a investigar a concordância, sobretudo no nível do DP (CORRÊA; NAME, 2003; VAN HEUGTEN; SHI, 2009; VAN HEUGTEN; CHRISTOPHE, 2015), no PB outros elementos a despeito do D manifestam essa relação de concordância com o N. Por isso, o experimento realizado nesta pesquisa investiga a identificação e o processamento da concordância de gênero entre os elementos das categorias N e ADJ, i.e., no âmbito do NP por crianças adquirindo o PB, o que ainda não havia sido reportado nos estudos psicolinguísticos.

Outra justificativa para a escolha do NP, em detrimento do DP, recai no fato de que no PB é comum a realização de NP, i.e., sintagmas nos quais não há a presença do elemento D, como nas sentenças: "menina bonita", "carro vermelho", "bola preta", "menino lindo". Nesses casos, a criança, no estágio inicial de aquisição de língua, tem que identificar o gênero gramatical do N para realizar a concordância com o ADJ, sem nenhuma "pista" morfofonológica anteposta ao item da categoria N.

Outro estudo que se faz relevante para este trabalho é o de Schwindt (2018), que realizou uma análise de nomes dicionarizados e também de uso⁵ (nomes como "porta", "tribo", "bolo", "enigma", entre outros) por falantes do PB, a partir de dados do Dicionário Aurélio Eletrônico e do Projeto VARSUL⁶, para discutir sobre a relação entre a vogal temática dos nomes no PB e o gênero dos nomes.

Atendo-se aos pressupostos da Teoria da Otimidade (WOLF, 2008 *apud* SCHWINDT, 2018), Schwindt (2018) analisou quantitativamente 17.049

⁵ Dado que quantitativamente a análise de Schwindt (2018) é bastante extensa, recomenda-se, para mais exemplos de nomes dicionarizados e de uso por falantes do PB, consultar a tabela na qual alguns desses dados foram sintetizados. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/delta/article/view/39418/26675>. Acesso em: 5 jun. 2019.

⁶ Variação Linguística na Região Sul do Brasil. Disponível em: <http://www.varsul.org.br>. Acesso em: 19 jun. 2019.

nomes⁷ do Dicionário Aurélio Eletrônico, além de 4.800 *tokens* e 1.266 *types* extraídos do Projeto VARSUL para investigar a relação das vogais temáticas com a informação morfológica de gênero no PB. O referido autor apontou que 95,1% das palavras terminadas em "-a", no Dicionário Aurélio Eletrônico, são femininas, enquanto nos dados do VARSUL essa correspondência equivale a 89,6%. Por outro lado, a análise dos nomes terminados em "-o" indicou que 99,9% do léxico dicionarizado é masculino; já no uso, esses nomes representam 100%.

Os dados de Schwindt (2018) sobre a produtividade de gênero e vogal temática no PB se fazem relevantes para a investigação sobre a aquisição de gênero gramatical proposta nesta pesquisa, visto que a análise realizada pelo autor reporta dados sobre como a marcação morfofonológica de gênero tem sido realizada por falantes do PB. A partir dessa análise quantitativa de dados extraídos do Dicionário Aurélio Eletrônico e do Projeto VARSUL, Schwindt (2018) indica um padrão bastante robusto nessa marcação da vogal final dos nomes e na correlação com o gênero do vocábulo. Isso significa que nomes terminados com a vogal final "-o" são, preferencialmente, masculinos, e nomes terminados em "-a" são, em sua maioria, pertencentes ao gênero feminino.

Esses dados são, portanto, interessantes para a investigação aqui realizada, uma vez que a criança, nas etapas de aquisição, pode privilegiar a informação da vogal final dos nomes, em virtude do alto pareamento entre a vogal final e a informação de gênero no PB ao qual está exposta. Visto que no PB tanto a vogal final dos nomes quanto a concordância com itens de categorias que expressam essa relação podem servir de pista às crianças para identificar o gênero gramatical, esse pareamento entre vogal final e o gênero gramatical pode ser bastante informativo às crianças no que se refere à identificação do gênero dos nomes.

Diante de todos esses fatores, a justificativa para a realização deste experimento recai no fato

de que não foram encontrados, ao menos durante o levantamento bibliográfico desta pesquisa, estudos que investiguem quais outras fontes de informação, além de elementos da categoria D, as crianças podem usar como pistas para a identificação do gênero gramatical no PB.

Na seção subsequente, será apresentada a atividade elaborada com vistas a fornecer evidências experimentais a respeito de como a criança no processo de aquisição do PB identifica e processa a informação de gênero gramatical no NP e como usa essa informação ao atribuir gênero a pseudonomes.

2 A atividade experimental

Na seção anterior, foram apresentados estudos que indicam a sensibilidade de bebês à informação morfofonológica de gênero manifesta no item D para identificar um N conhecido e a capacidade de crianças mais velhas, dos 30 a 54 meses, de atribuir gênero a um novo nome utilizando pistas distintas de gênero (CORRÊA; NAME, 2003; VAN HEUGTEN; SHI, 2009; VAN HEUGTEN; CHRISTOPHE, 2015).

No PB, Corrêa e Name (2003) apontam que, diante de DP (Det + N) com pseudonomes, as crianças tiveram um desempenho diferente ao atribuir gênero para pseudonomes em função da faixa etária. Os resultados reportados pelas referidas autoras indicam que crianças de 4 e 5 anos (ao contrário das menores de 3 anos) preferem usar a vogal final como fonte para atribuição de gênero a pseudonomes, a despeito da informação veiculada pelo determinante.

Visto que o presente estudo investiga a identificação e o processamento da concordância de gênero entre os elementos das categorias N e ADJ por crianças adquirindo o PB, este experimento objetivou investigar que pistas seriam usadas por crianças de 3 a 5 anos, na ausência de determinantes, para identificar o traço de gênero no adjetivo posposto ao N e verificar qual pista (a vogal final de N ou do ADJ) é mais saliente à criança para identificar o traço de gênero, de

⁷ Schwindt (2018) indica que não foram considerados na análise os substantivos compostos, derivados de outros nomes e elementos de locuções.

modo a de atribuí-lo a um pseudônimo.

2.1 Tarefa experimental

Para a realização deste experimento, foram criados estímulos linguísticos com pseudônimos seguidos de adjetivos, a fim de verificar como as crianças identificam a relação de concordância no âmbito do NP e atribuem gênero para pseudônimos. Para tanto, foi criado um jogo cujo título era: "Caça aos brinquedos mágicos – A aventura de Ana". Nesse jogo, a criança tinha como objetivo encontrar os brinquedos mágicos da Ana – a personagem da história. Por fim, a criança deveria contar à personagem o que tinha acontecido e/ou em que lugar o cachorro da Ana havia escondido os brinquedos dela. Em seguida, a pesquisadora fazia perguntas para as quais a resposta-alvo seria o pseudônimo mais a cor do brinquedo mágico da Ana, que, no caso, configurava-se como o adjetivo que manifestava o gênero (feminino ou masculino). Esperava-se que as respostas produzidas pelas crianças indicassem qual a informação de gênero (ou expressa pela vogal final do N ou pela vogal final do ADJ) era mais saliente às crianças.

Foram inventados para este experimento quatro pseudônimos paroxítonos e dissílabos terminados em "-a" (depa, toba, bida, moca) e quatro pseudônimos paroxítonos e dissílabos terminados em "-o" (dabo, puco, beco /'bɛ.ku/, mabo). Esses pseudônimos respeitavam o padrão silábico e fonotático do PB. Foram selecionados quatro adjetivos do PB que variam em gênero e referenciavam propriedades identificáveis de objetos – amarelo(a), branco(a), vermelho(a), preto(a). Os estímulos visuais eram imagens inventadas de pseudo-objetos com as cores mencionadas.

2.2 Materiais

Para a aplicação do experimento, foram usados um notebook LG – Ultra Slim de 14" com acesso à internet, para acessar o *software* Prezi;

um gravador de áudio portátil, modelo Sony PCM-D50; um baú de madeira colorido, com a imagem da personagem do jogo criado; 12 cartas que constituíam o jogo proposto; dois sacos coloridos de TNT.

Esta atividade experimental foi aplicada em duas escolas da rede municipal de ensino, em seis creches da rede de ensino privada e no laboratório do Núcleo de Estudos em Aquisição da Linguagem e Psicolinguística da Universidade Federal de Juiz de Fora (NEALP/UFJF), sendo autorizada pelo Comitê de Ética⁸ da UFJF. Além disso, antes da aplicação do experimento, houve a assinatura, pelos responsáveis das crianças que participaram do teste, do termo de consentimento livre e esclarecido.

Criaram-se cartas com as imagens dos objetos inventados. Essas imagens foram impressas em papel fotográfico e coladas em um molde de EVA nos tamanhos de 10 x 10 cm. Essas cartas estavam dentro de um saco colorido de TNT que estava escondido dentro do baú⁹.

2.3 Participantes

Participaram deste experimento 70 crianças brasileiras, falantes nativas do PB. Entre elas, sete foram descartadas da amostra final, pelas razões subsequentes: três não compreenderam bem a tarefa e não finalizaram o experimento; duas repetiram nomes de objetos conhecidos do PB (como bloco e/ou gato) consecutivamente nos *trials* experimentais finais; uma não se interessou pela atividade e não a concluiu; e uma teve dificuldade na produção dos enunciados.

Assim, foram considerados os dados de 63 crianças, divididas em três grupos etários: 20 crianças de três anos (idade média: 3,7 anos), das quais 12 eram meninos; 23 crianças de 3 anos (idade média: 4,6 anos), das quais 13 eram meninos; e 20 crianças de cinco anos (idade média: 5,5 anos), das quais 14 eram meninos.

⁸ O projeto de pesquisa ao qual o presente trabalho se vincula teve apoio da FAPEMIG (Processo n. APQ-00988/15) e foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa/UFJF (CAEE: 44123015,6.0000,5147).

⁹ Para detalhes e fotos dos materiais usados no experimento, consultar Bogo (2020).

2.4 Design experimental

Foram criadas duas condições experimentais para este experimento: condição congruente e condição incongruente entre a vogal final (em itens N) e a vogal final (em itens A). Visto o tipo de tarefa que era requisitada à criança, não foram criadas frases distratoras.

As variáveis independentes linguísticas intrasujeitos (*within-subjects*) criadas foram: (1) gênero marcado na vogal final do adjetivo, decorrente da concordância com o nome: masculino, feminino; (2) vogal final do pseudônimo: "-o", "-a". A variável não linguística entressujeitos (*between-subjects*) era: (3) variável de grupo/idade: 3, 4 e 5 anos.

A partir dessas variáveis independentes linguísticas e seus níveis, foram criadas quatro condições experimentais. As condições congruentes foram criadas respeitando os padrões do PB no que tange à correlação entre a vogal final e ao gênero gramatical, ou seja, nomes terminados em "-o" são, majoritariamente, masculinos, e os nomes terminados em "-a" são, majoritariamente, femininos (SCHWINDT, 2018).

As condições incongruentes, por sua vez, violam esse padrão mais frequente no PB. Ademais, como o adjetivo concorda em gênero com o nome no PB, seria possível verificar qual pista a criança privilegiaria (se a informação da vogal final do nome ou a marca de gênero no adjetivo) para atribuir gênero ao pseudônimo.

As condições experimentais elaboradas foram:

- (1) N-o+ ADJ masculino (CONG) Ex.: Beco vermelho
- (2) N-a+ ADJ feminino (CONG) Ex.: Moca vermelha
- (3) N-a+ ADJ masculino (INC) Ex.: Depa amarelo
- (4) N-o+ ADJ feminino (INC) Ex.: Dabo branca

A variável dependente era o número de respostas congruentes ao gênero do nome, manifesto no adjetivo, através da concordância entre N e ADJ no NP.

Atendo-se aos dados de Corrêa e Name (2003), a respeito da atribuição de gênero a novos nomes no PB, e aos do estudo de Schwindt (2018), acerca do pareamento entre gênero e vogal final dos nomes no PB, tem-se como hipótese para este trabalho que, na ausência de itens da categoria D, as crianças, adquirindo o PB: **(1)** farão uso da vogal final do N, com uma preferência por essa informação em detrimento da informação de gênero expressa no ADJ; **(2)** farão uso da informação de gênero manifesta pela concordância no ADJ para identificar e atribuir gênero a novos nomes.

Prevê-se, então, que a taxa de respostas corretas para a condição congruente será maior do que na condição incongruente. Além disso, prevê-se, também, um comportamento diferente na identificação e na atribuição de gênero aos pseudônimos pelos grupos etários, com maior taxa de respostas corretas na condição incongruente para as crianças mais novas (três anos) comparativamente às crianças mais velhas (de quatro e de cinco anos), conforme resultados similares reportados por Corrêa e Name (2003).

2.5 Procedimentos

O experimento foi realizado em escolas públicas e municipais de Juiz de Fora e no NEALP/UFJF. Antes da chegada da criança, a pesquisadora preparava o ambiente¹⁰ para a aplicação do experimento. Após a recepção e a ambientação da criança, a pesquisadora perguntava se ela gostava de histórias mágicas e se conhecia a Ana, a personagem da história. Depois, a pesquisadora exibia a tela inicial do Prezi, em que aparecia o "Mundo Mágico da Ana" (Figura 1) – o início da atividade experimental.

¹⁰ Se a atividade experimental fosse realizada no NEALP, eram colocados tapetes coloridos no chão e duas almofadas para a criança se acomodar. O baú de madeira era posicionado em frente à estante do laboratório e o *notebook* era colocado em uma das prateleiras da estante, já com a tela inicial da apresentação do Prezi, criada para este experimento. Se a atividade fosse realizada em alguma creche/escola, a pesquisadora separava uma sala de aula, colocava o *notebook* na mesa do professor, organizava três carteiras de estudantes, sendo uma para a pesquisadora, uma para o participante e uma terceira para colocar o baú de madeira.

Figura 1 – Apresentação do “Mundo mágico da Ana”



Fonte: Bogo (2020, p. 80).

A pesquisadora, então, perguntava à criança se ela queria conhecer a Ana. Em seguida, aparecia a imagem da personagem (Figura 2).

Figura 2 – Apresentação da Ana, dizendo “Oi”



Fonte: Bogo (2020, p. 81).

A pesquisadora dizia à criança que a Ana tinha um baú cheio de brinquedos mágicos, cujos nomes também eram mágicos. Também dizia que a Ana tinha um cachorro muito levado (Figura 3).

Figura 3 – Apresentação da Ana, do seu baú mágico e de seu cachorro muito levado



Fonte: Bogo (2020, p. 81).

Em seguida, a pesquisadora contava à criança que o cachorro da Ana tinha espalhado todos os brinquedos mágicos pela casa e pelo quintal, deixando a Ana muito triste (Figura 4).

Figura 4 – Apresentação da Ana, com uma expressão triste



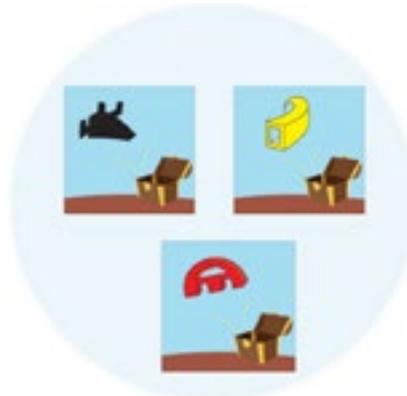
Fonte: Bogo (2020, p. 82).

A pesquisadora falava à criança que a missão "mágica" dela era ajudar a Ana a encontrar os seus brinquedos mágicos. Então, a criança precisava dizer à Ana qual brinquedo tinha sido encontrado e onde ele estava.

Em seguida, caso a criança aceitasse "ajudar"

a Ana, era disposta, na tela do computador, uma imagem do baú. Na referida imagem, havia três objetos inventados, os quais foram apresentados um de cada vez, e seus nomes (também inventados) eram ditos à criança (Figura 5).

Figura 5 – Apresentação dos três "brinquedos mágicos" da Ana, para que a criança compreendesse a dinâmica do teste



Fonte: Bogo (2020, p. 83).

Essas três imagens eram como as da fase teste. Logo, isso servia como uma fase de habituação. Posteriormente, a pesquisadora mostrava o baú de madeira à criança e dizia: "Olha o que eu tenho aqui! Será o baú mágico da Ana?! Olha! É a Ana! Vamos ver o que tem dentro?!". A pesquisadora, então, dava o saco de TNT no qual estavam as cartas e convidava a criança a pegar o que havia ali dentro e jogar no chão ou na mesa do professor. Depois disso, a pesquisadora dizia: "Olha! São os brinquedos mágicos da Ana!". Enquanto isso, as três imagens que constituíam essa etapa de pré-teste continuavam sendo exibidas à criança, e a pesquisadora falava: "Óh! Tem igual? Vamos

ver? Óh! Conta pra Ana o que é... É moca preta!". Esperava, assim, a criança identificar a carta correspondente à imagem e, então, contar para a Ana qual brinquedo tinha encontrado. Depois, contava para a criança: "Muito bem! Cadê, óh? Igual? Conta pra Ana qual que a gente achou"; "É beco amarelo!". Após a resposta da criança, a pesquisadora perguntava: "E aqui? Cadê?" Assim que a criança pegasse a cartinha correspondente à imagem, a pesquisadora dizia: "Muito bem! Sabe como chama? Beco vermelha!". A ordem variava de acordo com a carta que a criança encontrasse primeiro, dado que os três pseudo-objetos apareciam, concomitantemente, na mesma imagem,

como apresentado na Figura 5 acima. É oportuno frisar, conforme os exemplos dados acima, a omissão de qualquer outra referência ao gênero gramatical pela pesquisadora, fosse por artigos ou por pronomes demonstrativos antepostos

ao nome do pseudo-objeto. Depois dessas três imagens de teste, a pesquisadora trocava a tela do Prezi, e um outro objeto inventado surgia em um contexto de cena (Figura 6).

Figura 6 – Apresentação do pseudo-objeto em contexto de cena



Fonte: Bogo (2020, p. 84).

Após a apresentação da imagem no computador, a criança deveria identificar a carta correspondente àquela figura disposta. Então, a pesquisadora falava: "Óh! Depo amarela! Conta pra Ana qual que a gente achou!". A criança, por sua vez, respondia algo como "Depo amarela!" ou "Depo amarelo!". Em sequência, a pesquisadora perguntava: "O que que aconteceu? Onde que tá? Quem que pegou?"; e a criança respondia: "O passarinho". Então, a pesquisadora dizia: "Pegou o quê?"; e a criança respondia, por exemplo: "Depo amarela"¹¹. Esperava-se que a criança marcasse o gênero gramatical pela presença de um artigo, ou de um pronome demonstrativo ou de um adjetivo anteposto ou posposto ao pseudonome. Durante essa atividade, objetivava-se que a criança não só dissesse o nome dos "brinquedos mágicos" como também contasse à Ana em que lugar o cachorro os havia colocado.

É oportuno dizer que, naquele momento, a pesquisadora evitava ao máximo repetir o nome do pseudo-objeto, para que a criança pudesse proferir o NP. Se, eventualmente, a criança esquecesse o nome do pseudo-objeto, a pesquisadora repetia-o, por no máximo três vezes, durante a apresentação do objeto à criança. Caso o partici-

pante não falasse um pseudonome ou utilizasse um nome do PB, a pesquisadora prosseguia o experimento, e esse *trial* era descartado (ver resultados, adiante).

Visto que o experimento utilizava pseudonomes, era comum a alteração de alguns fonemas desses pseudonomes, como "dabo branco", que foi proferido como "beco banco" ou "dago banco". Esse tipo de alteração não foi considerado um problema, uma vez que a imagem do pseudo-objeto se repetia, como já foi destacado, em um contexto de cena. Por essa razão, observou-se se a criança repetia o nome que havia dito, como "beco banco" ou "dago banco", bem como o adjetivo que o acompanhava nessa condição de cena e se a relação de concordância entre os termos mencionados por ela eram preservados nas repetições, ou seja, caso a criança falasse "dago banco", após a apresentação do objeto e depois no contexto de cena, o *trial* era mantido.

Ao final de dois *trials* experimentais, aparecia uma imagem da Ana com um troféu, a fim de parabenizar a criança pela sua resposta e motivá-la a seguir o experimento, independentemente se a resposta fosse compatível ou não com a resposta-alvo (Figura 7).

¹¹ Na dissertação da autora, é possível consultar uma transcrição da aplicação do experimento. Disponível em: <https://repositorio.ufrf.br/jspui/browse?type=author&value=Bogo%2C+Ol%C3%ADvia+Fernandes>. Acesso em: 11 nov. 2022.

Figura 7 – Apresentação da Ana com seu troféu



Fonte: Bogo (2020, p. 85).

No final do experimento, a pesquisadora dizia à criança que ela havia encontrado todos os brinquedos mágicos da Ana, e aparecia uma

imagem da Ana, feliz, com o seu baú cheio de brinquedos (Figura 8).

Figura 8 – Ana, feliz, com seus brinquedos resgatados



Fonte: Bogo (2020, p. 86).

Naquele momento, a pesquisadora pedia ao participante que abrisse o baú "mágico" e convidava-o a ver qual era o presente trazido pela Ana que estava dentro do baú. A duração total do experimento não excedia dez minutos.

3 Resultados

A variável dependente consistiu no número de respostas-alvo, ou seja, para ser considerada resposta-alvo, o gênero tinha que ser igual àquele manifesto no adjetivo apresentado antes pela pesquisadora. A tabulação das respostas levou em conta se a criança usava a pista da concordância para atribuir o gênero marcado no adjetivo aos pseudônimos. Logo, era tabulado como acerto quando a criança usava a informação de gênero do adjetivo para atribuir gênero ao pseudônimo. Em contrapartida, na condição em que a criança alterasse o gênero do adjetivo, i.e.,

quando a criança não utilizava a informação da concordância dita anteriormente, então a resposta era considerada um erro. Como já mencionado, nos casos em que os participantes dissessem o nome de algum objeto conhecido do PB, a resposta-alvo era desconsiderada, e por isso o *trial* era descartado.

Levando em conta a média de taxa de acertos por condição congruente (masculino e feminino) vs. incongruente (masculino e feminino) e os três grupos etários, observa-se, na Tabela 1, que as maiores taxas de acerto foram sempre para as condições congruentes: 3.36 vs. 1.84 para as incongruentes. Considerando-se também os três grupos etários, houve uma taxa maior de acertos na condição masculina em comparação com a feminina 1.73 vs. 1.63, respectivamente.

TABELA 1 – Média de taxa de acertos na condição vs. incongruente (todos os grupos etários)

Condição	CONGRUENTE		INCONGRUENTE	
	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino
Exemplos	Dabo branco	Bida Preta	Depa branco	Puco preta
Média de Taxa de Acertos	1.73	1.63	1.16	0.68
	3.36		1.84	

Fonte: Bogo (2020, p. 89).

Em relação à taxa de acerto na condição congruente vs. incongruente por grupo etário, vê-se uma preferência pela condição congruente em todos os grupos: para as crianças de três anos,

3.45 vs. 2.15; para as crianças de quatro anos, 3.09 vs. 1.7; e para as crianças de cinco anos, 3.6 vs. 1.7, respectivamente. Esses valores estão na Tabela 2.

TABELA 2 – Média de taxa de acertos na condição vs. incongruente (por grupos etários)

3 ANOS				
Condição	CONGRUENTE		INCONGRUENTE	
	Masculino dabo branco	Feminino bida preta	Masculino depa branco	Feminino puco preta
Média de Taxa de Acertos	1.8	1.65	1.3	0.85
	3.45		2.15 (média mais alta dos 3 grupos)	
4 ANOS				
Condição	CONGRUENTE		INCONGRUENTE	
	Masculino dabo branco	Feminino bida preta	Masculino depa branco	Feminino puco preta
Média de Taxa de Acertos	1.7	1.39	1.09 (valor próximo ao nível da chance)	0.61
	3.09		1.70	
5 ANOS				
Condição	CONGRUENTE		INCONGRUENTE	
	Masculino dabo branco	Feminino bida preta	Masculino depa branco	Feminino puco preta
Média de Taxa de Acertos	1.7	1.9	1.1 (valor próximo ao nível da chance)	0.6
	3.6 (média mais alta dos 3 grupos)		1.70	

Fonte: Bogo (2020, p. 90).

O teste de Friedman¹² revelou diferença estatisticamente significativa entre as condições

¹² Foi usado o teste de Friedman para verificar se havia diferenças de comportamento entre as condições testadas e as amostras.

congruentes vs. incongruentes (*within-subjects*) quando considerados os três grupos etários ($X = 199.61$, $p = .000$), bem como para cada grupo separadamente (*between-subjects*) (3 anos: $X = 64.969$, $p = .000$; 4 anos: $X = 66.407$, $p = .000$; 5 anos: $X = 71.804$, $p = .000$).

A comparação entre pares das condições experimentais foi feita por meio do teste de Wilcoxon, equivalente não paramétrico do teste t para amostras relacionadas. Observa-se, a partir desse teste, que as médias de acerto das

crianças apontam para uma preferência pela condição congruente, quando contrastada com a condição incongruente. Isso sugere que as crianças, independentemente da faixa etária, privilegiaram a condição em que a vogal final do nome era congruente ao gênero expresso no adjetivo, independente do gênero ser feminino ou masculino.

Os valores de significância podem ser consultados na Tabela 3.

TABELA 3 – Resultados significativos entre as condições (por grupos etários)

Coluna	1. CON M X CON F	2. CON M X INC M	3. CON M X INC F	4. CON F X INC F	5. CON F X INC M	6. INC M X INC F
Exemplo	dabo branco x bida preta	dabo branco x depa branco	dabo branco x puco preta	bida preta x puco preta	bida preta x depa branco	depa branco x puco preta
3 anos	-	0.13	.001	.001	-	.039
4 anos	-	.012	.000	.002	-	-
5 anos	-	.015	.000	.000	.005	-

Fonte: Bogo (2020, p. 92).

Os resultados desse experimento vão ao encontro das previsões delineadas nesta pesquisa: a condição congruente teria maior taxa de respostas do que na condição incongruente; e haveria um comportamento diferente na identificação e na atribuição de gênero aos pseudônimos, em detrimento da faixa etária das crianças, conforme padrões já reportados na literatura acerca da aquisição de gênero gramatical no PB, no domínio do DP (CORRÊA; NAME, 2003).

Assim, os dados reportados neste experimento indicam que a taxa de respostas na condição congruente foi maior do que na condição incongruente. Isso significa que as crianças de 4 e 5 anos privilegiaram a variável independente (a vogal final dos N) para atribuir gênero aos pseudônimos. Esses dados são interessantes ao se considerar a pesquisa realizada por Schwindt (2018) a respeito do alto pareamento nessa relação entre a vogal temática dos nomes e o valor

de gênero (vogal final "-o" marcando o gênero masculino e vogal final "-a" para o feminino) dos

nomes dicionarizados e de dados de uso de falantes do PB. Foi observado também um aumento na taxa de acerto na condição congruente, em função da faixa etária, entre as crianças de três e cinco anos de idade, mesmo que não tenha havido nenhum efeito de significância no que tange aos grupos etários.

Verificou-se que as crianças de três anos, diferentemente das de quatro e de cinco anos, basearam-se na informação manifesta no adjetivo para identificar o gênero do pseudônimo, sobretudo para nomes masculinos. Logo, é importante ressaltar que as crianças menores também computam a relação morfossintática de concordância manifesta no adjetivo para identificar o traço de gênero e atribuí-lo ao novo nome. Esse efeito pode ser explicado pelo fato de que as crianças mais novas têm ainda um repertório vocabular menor (em comparação com as de 4 e 5 anos) e de que, por terem menos anos de exposição ao PB, podem ter uma preferência pela informação de gênero manifesta no ADJ ao atribuí-la a um novo nome – indo de encontro aos dados

de Schwindt (2018) a respeito da correlação entre gênero e vogal temática para a marcação de masculino e feminino no PB. Nessa direção, descartou-se a hipótese de que as crianças, independentemente da faixa etária, tenham se baseado só na correspondência fonológica ou que tenha havido um efeito de linearidade entre o nome e o adjetivo na condição congruente para atribuir gênero aos novos nomes.

4 Considerações finais

Em suma, os resultados aqui reportados buscam fornecer evidências experimentais, nos estágios da aquisição linguística, sobre a identificação e o processamento da concordância de gênero entre os elementos N e ADJ. Por essa razão, com esses dados espera-se fomentar a discussão sobre a aquisição do gênero gramatical, sobretudo no PB, acerca de quais pistas (a correlação da vogal final ou a relação de concordância) as crianças usam para identificar a informação de gênero manifesta no NP.

Referências

ARIAS-TREJO, Natalia; ALVA, Elda Alicia. Early Spanish grammatical gender bootstrapping: Learning nouns through adjectives. *Developmental Psychology*, v. 49, n. 7, p. 1308-1314, jul. 2013. <https://doi.org/10.1037/a0029621>

BOGO, Olívia Fernandes. *A identificação e o processamento da concordância de gênero entre elementos das categorias N e ADJ por crianças adquirindo o PB*. 2020. 118 fls. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2020.

CORRÊA, Leticia Maria Sicuro; NAME, Maria Cristina Lobo. The processing of Determiner: Noun agreement and the identification of the gender of Nouns in the early acquisition of Portuguese. *Journal of Portuguese Linguistics*, v. 2, n. 1, p. 19-43, jun. 2003. <https://doi.org/10.5334/jpl.34>

LEW-WILLIAMS, Casey; FERNALD, Anne. Young children learning Spanish make rapid use of grammatical gender in spoken word recognition. *Psychological Science*, v. 18, n. 3, p. 193-198, mar. 2007. <https://doi.org/10.1111/j.1467-9280.2007.01871.x>

SAFFRAN, Jenny R.; ASLIN, Richard N.; NEWPORT, Elissa L. Statistical learning by 8-month-old infants. *Science*, v. 274, n. 5294, p. 1926-1928, dez. 1996. <https://doi.org/10.1126/science.274.5294.1926>

SHADY, Michele. *Infants' sensitivity to function morphemes*. 1996. Dissertação – State University of New York, Buffalo, 1996.

SCHWINDT, Luiz Carlos. Exponência de gênero e classe temática em português brasileiro. *D.E.L.T.A.*, v. 34, n. 2, p. 745-768, abr./jun. 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/0102-44509154975775546>

VAN HEUGTEN, Marieke; SHI, Rushen. French learning toddlers use gender information on determiners during word recognition. *Developmental Science*, v. 12, n. 3, p. 419-425, mar. 2009. <https://doi.org/10.1111/j.1467-7687.2008.00788.x>

VAN HEUGTEN, Marieke; CHRISTOPHE, Anne. Infants' Acquisition of Grammatical Gender Dependencies. *Infancy*, v. 20, n. 6, p. 675-683, jun. 2015. <https://doi.org/10.1111/infa.12094>

Olívia Fernandes Bogo

É doutoranda em Linguística no Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro, atuando na linha de pesquisa Linguagem, mente e cérebro. É pesquisadora no Laboratório de Acesso Sintático (ACESIN-Lab). É bolsista na modalidade Doutorado Nota 10 da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ). É mestra em Linguística pela Universidade Federal de Juiz de Fora/MG. Graduiu-se em Letras (Português-Literaturas, Italiano-Literaturas, Inglês-Literaturas) também pela Universidade Federal de Juiz de Fora/MG.

Endereço para correspondência:

OLÍVIA FERNANDES BOGO

Universidade Federal do Rio de Janeiro
Av. Horácio de Macedo, 2151, Sala F. 321.
Cidade Universitária – Ilha do Fundão.
Rio de Janeiro/RJ, Brasil.
21941-917

Os textos deste artigo foram revisados pela Texto Certo Assessoria Linguística e submetidos para validação dos autores antes da publicação.